

Conferência

VICENTE BELTRÁN ANGLADA



Diálogos Esotéricos

A Atenção e a Liberação

Conferência em Saragoça

23 de dezembro de 1987

A VERDADE HÁ DE SE APRESENTAR DE TAL MANEIRA QUE CONVENÇA SEM PRENDER E QUE ATRAIA, MESMO SEM CONVENCER. ISTO SÓ PODE SER REALIZADO PELA LINGUAGEM DO CORAÇÃO.

A Atenção e a Liberação

Saragoça, 23 de dezembro de 1987

Interlocutor 1. – O indivíduo em evolução atualmente tem que se liberar do subconsciente para evoluir, então há muitas técnicas de psicologia, como a Gestalt, a Bioenergética, etc., etc., que procuram ajudar o indivíduo nesse sentido, mas não sei se isso é eficaz o suficiente ou se o caminho a seguir é outro.

Vicente. – Bem, quando falamos sobre nos liberarmos do consciente, o que queremos dizer, exatamente, se o que temos é o consciente?, pergunto. Agora, se você me diz liberar-nos do subconsciente ou do inconsciente, isso já é outra coisa, eu diria que é outra questão, pois dos três aspectos da mente, a mente subconsciente, a mente consciente e a mente supraconsciente, trata-se de um todo unido, que representa o passado, o presente e o futuro do homem. Eu me pergunto se é possível liberar o consciente sem passar pela descarga daquela quantidade de energia constituída pelas memórias do passado, do que fomos no passado remoto, e uma vez que não podemos traspasar o véu da forma, o que significa o estado de vida presente, desde que nascemos até o momento presente, e começar aqui a julgar o que é a evolução do homem, e veremos que a evolução não é se liberar do consciente, mas a liberação das parcelas cada vez mais extensas do subconsciente ou do inconsciente coletivo da raça, porque estamos todos totalmente integrados no subconsciente racial, e quando falamos de consciência, somos realmente conscientes? Somos conscientes apenas de uma parte de nós mesmos do passado, mas, o presente, com todas as suas oportunidades, não é um aspecto consciente no indivíduo. Às vezes tem aspectos dinâmicos fugazes que o levam a um nível superior, então, há uma liberação do consciente, porque estabeleceu contato com o aspecto supraconsciente. Assim, todas as meditações, todas as yogas, todos os exercícios e disciplinas do Caminho, seja do budista, do cristão ou do maometano, é procurar emergir triunfante do subconsciente ou da subconsciência e, então, estabelecer uma linha perfeita do que é o passado e o futuro do homem, estando focado no presente com toda a sua plenitude. E isso não acontece, porque só vemos o presente fracionado, porque o vemos através de tudo que fomos no passado. Por acaso ainda não temos instintos animais? Eu diria que um homem é realmente consciente quando se liberou do fardo do passado e enfrenta o presente sem a memória do passado, sem o que foi e, então, a vida esotérica realmente começa, aquela que vai do aspecto consciente para o supraconsciente, ou o que tecnicamente dizemos, da mente inferior para a mente abstrata e, subindo para o alto, em direção a níveis que praticamente desconhecemos, porque nosso cérebro ainda não o registra. Ou seja, nosso cérebro está qualificado para registrar o passado e algum aspecto fugaz do presente, mas não pode ultrapassar o véu que cobre o futuro. Aí está o trabalho do verdadeiro homem dos nossos dias, que não está de acordo com o que foi no passado e quer melhorar radicalmente no presente. Então, surge a técnica da atenção, da observação serena, de estar atento todo o tempo que dura o exercício da sua vida cotidiana. Assim estabelece uma linha de continuidade de consciência que é realmente liberadora, porque emerge triunfante do passado, estabelece-se no presente e libera o futuro e, para mim, é muito importante que a pessoa tenha muito presente que tudo que está pensando para melhorar sua condição psicológica é a liberação do passado com todas as suas conquistas, porque o passado ata o homem, por mais glorioso que tenha sido. Ou seja, se o homem se estabelecesse no presente, sem o passado e sem o futuro, seria perfeito, seria feliz, porque estaria no

centro de todas as questões sociais, psicológicas, de todos os tempos, seria um gênio, um sábio, porque se há uma pessoa a quem possa ser atribuído o nome de sábio é aquela que ficou livre do passado e do futuro, o que significa que está plena e dinamicamente disposta no presente, observando com atenção o que acontece, sem se preocupar com o que foi ontem ou o que será amanhã. Aí está a verdadeira questão da pessoa realmente espiritual, porque então o caminho está livre, há outras nuances, não a preocupação com o que vai acontecer amanhã, com o que aconteceu ontem. Levanta-se livre como um pássaro, dorme livre como um pássaro, não tem problemas psicológicos. Portanto, a questão, repito, é como podemos estar tão conscientes, tão conscientes, que na plenitude dessa atenção no presente no consciente, sejamos capazes de apagar os estigmas do passado e as esperanças em um futuro incerto. Esse é mais ou menos o ponto.

Interlocutor 1 – Qual seria a yoga adequada para este momento?

Vicente. – Todas as yogas são boas se a pessoa estiver atenta ao processo da yoga em questão. Uma pessoa tem preocupações de um tipo psicológico mais elevado e a primeira reação é procurar um método, um sistema, uma disciplina que produza onde ela acha que deve e, então, se engaja em qualquer certo tipo de yoga e a primeira coisa que vão lhe ensinar são as práticas ou asanas da Hatha Yoga, a yoga do corpo físico, com Pranayama, respirações, Kundalini Yoga, e tudo isso que está relacionado ao corpo físico; ou, se é uma pessoa de tipo devocional, se engajará na Bakti Yoga, a yoga das emoções, a yoga dos poderes psíquicos, a yoga do desejo e todas essas coisas que sabemos, precisamente porque estamos atentos ao fluxo do presente. Em um caso muito específico lhe será designada uma escola de Raja Yoga, a yoga da mente, e seu trabalho começará na mente inferior até chegar onde puder, onde a sua medida espiritual e seu instrumental psicológico alcançarem. Mas, o que acontece com isso? Acontece que quando uma pessoa de boa-fé entra em uma escola, digamos, de yoga, ela é considerada uma das muitas, ela está incluída dentro de um grupo específico, com as mesmas técnicas, as mesmas respirações, as mesmas disciplinas, sejam elas quais forem, sem considerar seu aspecto original, seu aspecto essencial. Daí o fracasso da yoga, porque para dar conselhos sobre yoga e praticar yoga é preciso ser um Mestre, e então do Mestre a plena aceitação do que você sabe que um Mestre é, uma pessoa que seja capaz de ver o aprendiz, o discípulo em toda a sua extensão mental, emocional ou física, considerando em seu ponto original de síntese, isto é, quem realmente é essa pessoa? Todos fazem a mesma coisa, não pode ser, se cada pessoa é um caso, se cada uma tem uma estatura espiritual ou psicológica específica, se cada um tem um signo astrológico diferente, se cada pessoa está em um determinado tipo de Raio, ou seja, uma das sete correntes de vida que dão vida ao nosso Universo. Então, como podemos dizer: "Você aqui" e fazer como os outros fazem, ou os outros fazerem como você, não pode ser. Então, o que existe? Existe a Yoga da Síntese, a yoga da atenção, assim como você pode depositar a atenção no corpo físico, no corpo emocional ou na mente, e ver com muita atenção e observação, de maneira serena e profunda, o que acontece ali, ou seja, o que Sócrates dizia, o autoconhecimento, "conhece-te a ti mesmo", porque se você conhece a si mesmo será o senhor do tempo, pois o estamos relacionando com o que dizíamos de que o centro de toda questão é o presente, pois não há passado sem presente, não há futuro sem presente, então, engana-se quem busca reduzir o tempo através do que chamamos de intravisualização, ir ao passado para remediar o processo pelo qual estou nesta situação psicológica profunda, o que é um erro, porque uma pessoa que tem uma falha tem que registrá-la no presente, não indo ao passado, que é a fonte de onde esse problema se originou, e para mim, a ciência psicológica falhou neste

ponto, porque o que a pessoa precisa, seja qual for o problema que afete sua vida psicológica, é estar tão atenta no presente que fique consciente de todos os seus erros, suas debilidades, registrando tudo que acontece dentro de si mesma, não indo para o passado e buscando a liberação, porque a liberação não pode estar no passado, porque do passado vêm todas as nossas complexidades e dificuldades. Assim, o processo que vai da consciência à supraconsciência é natural, se a pessoa está atenta, o presente renovado já é o futuro. Um presente renovado, um presente vivido com toda a intensidade da experiência, seja mística, religiosa ou psicológica, é essencial, porque dá as chaves para o futuro, não o passado, que nos formou tal como somos e do qual queremos escapar, queremos escapar de nossa condição no presente e, portanto, o processo que vai da consciência à supraconsciência é o que tecnicamente chamamos de: *O Caminho*, o caminho espiritual, que está no presente e não podemos encontrar espiritualidade no futuro ou no passado, pois está no presente. O que acontece com as pessoas quando entram em um grupo esotérico? A primeira coisa que querem saber é qual é o seu destino, o que as aguarda no futuro, não querem saber nada de trabalho, exercício, disciplina permanente de estar atento ao que acontece agora e aqui. A mente está sempre distraída, vejam bem isso, o pensamento pensa por nós, o desejo sente por nós, o corpo atua à parte de nós porque não temos controle, portanto, o processo diante de nós é um processo de erradicação dos frutos amargos do passado, com todas as suas complexidades, com todas as doenças adquiridas em nossos códigos genéticos, porque há três códigos genéticos, a mente tem um código, o corpo astral tem outro código e o corpo físico outro, portanto, são três códigos dos quais devemos estar conscientes, e não estaremos conscientes procurando nos arquivos do passado, mas aqui e agora, registrando com expectativa e serenidade, observando com toda a profundidade o que está acontecendo, não aqui, porque aqui estamos, de certa maneira, protegidos por certos ambientes definidos, mas por essa tremenda força que vem além de nós e da qual ainda não estamos conscientes, se estamos conscientes dessa tremenda força cósmica, já somos supraconscientes no sentido da palavra, mas percebemos que não nos movemos do presente para registrar esse fato cósmico. Assim, todo o processo da yoga e da meditação, das disciplinas, dos exercícios meditativos, de tudo que significa uma tentativa de aperfeiçoamento humano, está sempre ancorado em querer escapar do que éramos no passado, para estar realmente conscientes no presente e, formando assim, a Escada de Jacó que nos leva ao futuro. Mas, como digo, não se trata de meditar, mas de ter uma consciência meditativa, e que não é suficiente fazê-lo em uma escola de yoga ou meditação transcendental ou não, mas que se não estivermos muito atentos e seguirmos atentamente o fluxo dos eventos, isso de nada nos servirá. Não há exercício, não há yoga que seja definitivo para o homem. É algo mais, e esse algo mais é ser e, no entanto, estar aqui e agora. Portanto, se estivermos atentos, o que acontece dentro da consciência? Um milagre de realização, porque então, quando estamos tão perfeitamente compenetrados com o presente, percebemos o que fomos no passado para escapar corretamente ou para o futuro, para nos liberarmos das esperanças e ilusões e, então, começamos a ser realmente nós mesmos, a autoconsciência liberadora, nos autorreconhecemos, descobrimos a luz e já somos diferentes dos outros.

Interlocutor 1. – Podemos falar dos momentos atuais que estamos vivendo, tão conflituosos e sua relação com a Nova Era, ou com a que está desaparecendo, que é a Era de Peixes?

Vicente. – Sim, mas, percebam que uma era pode ser conceituada em termos de energia, energia pisciana ou energia aquariana, e de que nos serviria se no presente não

estamos atentos? Se não estivermos atentos no presente e toda a nossa vontade estiver no passado, as energias de Aquário, por melhores que sejam, alterarão fundamentalmente a nossa vida psicológica? Certamente que não. Mas, em qualquer era da história, o homem pode se liberar, seja em Peixes, Aquário, Leão ou Gêmeos, é a mesma coisa, não importa, é a atenção às energias, porque imaginemos que um Raio, um signo astrológico, é uma entidade, com certas energias, sejam elas provenientes de Mercúrio, de Vênus ou de Júpiter, são energias qualificadas que vêm de um Logos ou de um Senhor de um planeta ou de um sistema de planetas ou de um sistema solar ou de uma série de constelações que gravitam sobre nossa pequena Terra. É a aptidão do homem, não as eras, observem bem, do contrário, a liberação seria para todas as pessoas se as energias qualitativas vêm de Aquário, de que nos servem essas energias se não estivermos atentos a elas? Por isso é importante o que dizíamos antes, que é preciso estar muito atentos, porque no contexto psicológico do homem em qualquer situação e em qualquer momento, é uma impregnação das energias das constelações, dos planetas, dos raios ou do que os outros pensam. Tudo está aqui, não vemos nada, mas aqui há um mundo de coisas, e este mundo de coisas é o que está nos levando, está nos guiando e, é claro, quando chega o momento crítico em nossa vida, quando alcançamos certo tipo de sensibilidade, o que acontece? Nós nos sentimos conduzidos por forças estranhas e é, então, que surge a necessidade das yogas e dos aspectos de exercícios meditativos, espirituais ou de treinamento místico. Percebem? Não é a era, não é o astro, mas é o homem o motor da sociedade humana, o motor do universo, eu diria, porque o homem é o centro da criação, portanto, ele tem uma responsabilidade, a responsabilidade de estar atento. Estar atento não é um exercício, é um dever social, já se deram conta de que estar atento é um dever social? Estar atento a tudo que acontece, ao que qualquer pessoa me diz, ao que respondo, como falo, como trato os outros, como faço o meu trabalho profissional, percebem? Exige uma atenção constante, para mim esta é a espiritualidade máxima; não ler muitos livros esotéricos ou místicos, isso pode ilustrar até certo ponto nossa mente e estendê-la, mas, não pode elevá-la por si mesma. A mente espiritualizada é uma mente que está se abrindo para cima como um cálice, é o Santo Graal realmente, e aí começa todo o processo da vida humana, a evolução. É uma abertura que vai desde o ponto em que se encontra atado ou reprimido pela sociedade ou quando o processo de se abrir às energias cósmicas começa, mas se abrir plenamente consciente, desta maneira será consciente de Aquário ou será consciente de Peixes, porque cada constelação tem suas qualidades e seus defeitos, seus vícios e suas virtudes, tendo em conta que cada planeta é uma entidade, que cada constelação é uma série de entidades, psicológicas, místicas e cósmicas, e que somos receptáculos de muitas energias das quais não estamos conscientes. Por isso, falávamos no início, que devemos estar conscientes em toda a plenitude do nosso ser psicológico, do contrário, falaremos sobre espiritualidade, falaremos sobre as estrelas, sobre o que acontece, por exemplo, nas áreas místicas de Shamballa ou na Hierarquia Espiritual, a Grande Fraternidade Branca, e falaremos de muitas coisas elevadas, mas ainda estaremos atados ao mundo das memórias, das emoções e dos desejos e, de fato, teremos estendido a mente, mas não a teremos elevado em profundidade e em elevação às regiões búdicas.

Interlocutor 1. – A segurança é uma das coisas que mais nos impede de evoluir?

Vicente. – Claro. O homem busca sempre a segurança na vida, e o esforço para buscar essa segurança o leva ao futuro sem passar pelo presente, então, entre o futuro e o presente há um vazio, esse vazio é onde o homem encontra seu pecado, para buscar algo que está além de suas próprias realizações espirituais. Não estou dizendo que não

alcança conquistas, mas o simples fato de ter um objetivo definido e trabalhar para esse objetivo é uma espécie de escravidão em direção ao objetivo que propôs, porque para alcançar um objetivo é necessário um exercício, uma disciplina, um trabalho, um preço. Se vocês me perguntarem, você tem que parar de se esforçar para chegar a um lugar? Eu não digo isso, digo que criar um objetivo definido é a morte do pensador, porque o pensador se liga ao objetivo que ele mesmo projetou, e pensa, sente e vive de acordo com esse objetivo, mas eu me pergunto se este é o objetivo proposto pelo destino cósmico nele. O processo está aqui, não o conhecemos, é um arcano, mas, a maioria das pessoas projetou até mesmo os objetivos espirituais e, então, procuram um objetivo e dizem: "Vou por meio de tal yoga para adquirir esses poderes, vou despertar o fogo de Kundalini"; mas se liga ao fogo, como se liga à meta, como se liga a qualquer aspecto que não conhece de si mesmo, simplesmente porque é o centro de toda uma série de problemas ambientais, uma série de formas psíquicas ou egrégoras que nós criamos, essa maquinaria social que estabelecemos e que agora está nos engolindo pouco a pouco sem nos dar opção à nossa própria vontade espiritual. Deixa-nos indefesos perante o perigo, não podemos lutar porque a força que criamos é superior a nós e, repito, essa força opressora, esta série de egrégoras psíquicas ou formas psíquicas que estabelecemos e que condicionam a esfera social, é nossa criação, a criação de um objetivo que nós estabelecemos, para sermos mais em qualquer situação, em qualquer estado de consciência, ser mais rico, ter mais posses, ter tudo, quando a verdade é não se sentir atado a nada, algo que ata a pessoa é um condicionamento e o germe de uma complexidade de um problema psicológico, é a lei. Portanto, devemos voltar às fontes, se tudo foi produzido no passado, se tudo o que estabelecemos na sociedade competitiva que conhecemos sob o nome de Idade Moderna, é fruto das conquistas do passado, agora temos computadores, reatores e sistemas eletrônicos específicos que realmente são tão potentemente dinâmicos que configuram um tipo diferente de sociedade. Mas não estamos atados de qualquer maneira? Estamos atados ao conforto que essas conquistas eletrônicas nos trouxeram, somos escravos do computador, da televisão, dos carros e de todas essas coisas, porque a tecnologia não liberta, a técnica aprisiona nesses momentos estelares da história da sociedade, e procuro uma sociedade em que tudo isso exista, mas não haja apego ao que fomos descobrindo ou fazendo, o que significa que não criamos nenhuma meta estabelecida diante de nós, e digamos: vamos lá, aí está o problema da segurança. Enquanto o aspecto mais elevado do homem for a insegurança, ninguém deve saber qual é o seu destino, para quê, o destino tem que ser cumprido, será cumprido mesmo fora da sua vontade, é a lei da natureza. Sabemos que temos que nascer e que temos que morrer, e alguém que despertou os caminhos para o futuro dirá: "Sim, mas voltarei através da reencarnação", o que é uma maneira sutil de procurar um objetivo para o futuro, que nos libera do trabalho do presente, é por isso que há o que estamos vendo. Então, a insegurança é total, podemos conceber o amor sem apego? Que uma pessoa ame outra sem buscar qualquer tipo de segurança nessa pessoa, sem buscar nada em troca, ou o amor pode ser comercializado como mercadoria? Se realmente amarmos, não haverá troca, estaremos amando e, na intensidade do amor, nos liberaremos, porque não haverá apego, não haverá condicionamento social, não haverá compromisso, falado ou escrito, haverá amor. Por que buscar um compromisso se o amor rompe todos os compromissos? Porque um compromisso é um objetivo que todos rigidamente têm que cumprir, caso contrário, a sociedade o considerará alguém que jurou em falso, ou uma pessoa apóstata de qualquer tipo, que não serve para o condicionamento social moderno, que é um elemento antissocial, e todas essas são garantias que estamos procurando. Quando uma pessoa teme a morte, qual é a sua reação? A religião, percebem? Olhando na linha de tensão que o medo da morte produz,

porque todos nós tememos a morte como tememos a escuridão, todos nós tememos a escuridão e a morte. Para nós a morte é uma forma de escuridão, é por isso que a tememos tanto, porque não sabemos o que vai acontecer. Então, buscamos segurança no que está além da morte. Criamos a ideia de reencarnação, e não estou dizendo que essa ideia não exista, estou falando do apego aos objetivos estabelecidos, aos objetivos rígidos que regem o processo da existência humana, e tudo está aqui resolvido na insegurança da pessoa que está vivendo tão intensamente no presente que o passado e o futuro não têm para ela uma importância capital. Ela está vivendo o futuro por antecipação na glória do presente e, ao mesmo tempo, na glória do presente, está se liberando do passado. Assim, observemos bem, é estabelecer um código espiritual das energias que só podemos desenvolver com observação serena e expectante, com aquela profundidade psicológica total, dentro de qualquer situação, circunstância, fato ou lugar, para emergir triunfantes e saber que quanto mais inseguros estivermos, mais segurança espiritual haverá em nossas vidas. A segurança é material, a insegurança é espiritual, e a via que vai da segurança material para a insegurança espiritual é o Caminho, palavra que todos os artistas do espírito estão definindo à sua maneira. O Caminho é uma estrada, o acesso que vai do subconsciente à consciência, que vai da consciência à supraconsciência ou que vai da mente inferior à mente superior ou abstrata, ou que vai do nível astral ao plano búdico, e todas aquelas coisas que o esoterismo moderno nos ensinou desde Madame Blavatsky. Assim, sempre resumiremos a questão naquele momento crítico de síntese, no qual estamos tão livres do futuro ou do passado que o presente se apresenta como a única oportunidade, a única yoga, a única força pela qual podemos nos liberar e, para mim, a liberação é a consumação de todas as seguranças, é a insegurança do vazio total, no qual o homem se sente identificado com o aspecto cósmico, deixou de ser homem, é um Deus.

Interlocutor 2. – Vicente, lançar a flecha não é também uma meta e, portanto, que pode paralisar?

Vicente. – Quando você alcança a meta, outra meta é estabelecida, não é uma meta rígida; a liberação não é dizer: "Eu vou chegar ali ou vou realizar tal yoga ou tal outra", mas você sabe que você atira a flecha até o limite das suas possibilidades e chega lá, mas à medida que avança você vai se desenvolvendo integral ou psicologicamente, e quando você alcança a flecha onde o impulso do seu braço chegou, você sente a necessidade de lançar a flecha novamente, e assim você avança atirando a flecha cada vez mais longe até que ela se perca no infinito e, então, vem a insegurança, a insegurança suprema, quando você fica vazio. Não há mais diferença entre o homem e Deus, você e Deus são a mesma coisa, você está no infinito. Não sei se você já viu a ideia. Claro, se lançarmos a flecha com a medida das nossas forças e chegarmos lá nos sentamos para descansar, já estamos prontos, ou dizemos: "Aqui cheguei e aqui me planto", isso não existe para o homem espiritual, ele deve continuar avançando sem pensar em recompensa nem em nenhuma meta fixa, ele deve consumir o fruto do tempo naquele momento de solidão infinita onde ele e o espaço são uma coisa só, o espírito de Deus que está em todos.

Interlocutor 1: Como podemos mudar os ambientes?

Vicente – Mudando a nós, porque o ambiente social, o ambiente profissional, o ambiente familiar e o ambiente individual, são criações nossas; se há um problema social, profissional, individual ou familiar, não procuremos os outros, mas a nós

mesmos, e vamos deixar de nos condoer com o que os outros nos fazem, porque na maioria das vezes somos os produtores de qualquer fato. Um governo, por exemplo, de qualquer país, é o resultado do exercício subjetivo, do impulso, da força de muitos seres humanos. Diz-se muito claramente que todos os povos têm os governos que eles carnicamente merecem, é a máquina social que criamos, dizemos: "Eu não contribuí", mas você é parte da grande engrenagem da máquina, a máquina que vai devorando e que faz com que os regimes sejam mais ou menos ditatoriais, mais ou menos democráticos, se ainda tivermos fé na democracia. A eleição livre, por exemplo, dentro de um povo generoso tem sua razão de ser, mas as grandes revoluções sempre foram gestadas por pessoas de qualidade e não de quantidade, as grandes revoluções sempre foram gestadas por um pequeno grupo de pessoas muito ativas no mundo interno, que trabalharam de maneira muito eficaz e aglutinaram uma massa social no entorno, pois também há grupos sociais que não são guiados pelo espírito de boa vontade e estão trabalhando nas nações, têm sua qualidade, mesmo que seja negativa, e aglutinam forças negativas, e assim os blocos, as divisões, as fronteiras, a luta de classes, a luta entre capital e trabalho, a luta religiosa foram estabelecidas. A luta dentro da sociedade humana que conhecemos. Mas, no fundo, quem é o homem? É o fator unificador de todas as situações, e se o esoterismo tem alguma importância, é que ele lhe diz fundamentalmente que você é a alma da sociedade e que, portanto, a sociedade não mudará se você não mudar, Você é o eixo, o pivô em torno do qual toda a força do ambiente circula, se você mudar, todo o sistema muda, e se você não mudar, você ainda constitui uma engrenagem dentro desta máquina social que está engolindo você, você tem que mudar fundamentalmente então, considere que tudo o que acontece não é o destino marcado pelas estrelas, mas o destino imposto pelos homens, e a partir daqui, vem todo o processo iniciático, se querem dar este nome. Percebam essa situação. Olhando bem, quando se fala esotericamente de iniciações, fala-se de uma mudança radical da consciência, que vai do complexo ao simples, do concreto ao abstrato, da complexidade à simplificação máxima, isto em todas as ordens e em todos os corpos. Até então os corpos nos conduziram, o corpo físico nos conduziu, o desejo nos levou, e a mente com todas as suas criações mentais estava levando a caminhos que não conhecemos, mas que constantemente nos aprisionam. E o eu, onde está? O eu se dá conta de que o pensamento não pode existir se for sempre a consciência do eu, o desejo é algo que aprisiona e a pessoa não percebe que ela não é o desejo, porque jamais vem a consciência do Eu. E a mesma coisa acontece com o corpo físico, que é simplesmente uma forma de sua vontade, o oposto acontece porque não estabelecemos um nexos no presente, no presente imediato, na síntese de todas as coisas, e devemos mudar radicalmente se quisermos mudar a sociedade, se quisermos viver de acordo com a lei ou com as leis estabelecidas para todos os mundos e para todos os sistemas em movimento.

Interlocutor 1: E nesta sociedade que tudo está um pouco perdido, que há uma atmosfera de catástrofe, que não há saída, está perdido ou pode haver uma mudança e como deve ser essa mudança?

Vicente. – Bem, estamos de volta à mesma coisa. Uma mudança fundamental na sociedade exige uma mudança fundamental para um número de seres humanos realmente dinâmicos, dispostos a verificar a mudança, não para acomodar as pessoas, que é o que mais acontece. As pessoas sentem-se levadas daqui para lá porque não têm consciência social, vão aumentar os sindicatos, as expressões políticas ou o campo das religiões, mas, fundamentalmente, não mudam, estão seguindo o ritmo da tradição.

Digo que para sermos livres devemos deixar tudo isso, a tradição, a hereditariedade, o próprio código genético, devemos erradicar completamente o código genético do passado, o código genético físico que traz doenças e lesões orgânicas, o desejo organizado do corpo emocional com todas as suas complexidades e com o sofrimento emocional que engendra cada estado de consciência; ou a mente, com tantos problemas mentais e a incapacidade do homem de parar o pensamento. Percebem que somos escravos do pensamento, do desejo ou do corpo? Devemos partir deste simples entendimento, porque estamos conscientes de que não somos nós que carregamos a carruagem dos três cavalos: do desejo, do corpo e da mente, mas que o nosso "eu" que é o cocheiro se sente carregado, não tem poder sobre isso, e a Alma que está dentro da carruagem não pode ter controle sobre o cocheiro, pois o cocheiro não estabeleceu o controle em si mesmo para estabelecer contato com a pessoa interior, que é a Alma Superior, que é o Eu Verdadeiro. Assim, voltamos sempre à mesma coisa, porque a verdade é tão simples que, embora a expressão varie, ela sempre atinge o mesmo ponto, o ponto dentro do qual o homem deve ser livre, deve se emancipar da influência de tudo o que atualmente o condiciona, e devemos observar que o próprio estudo esotérico ou as reuniões de grupo também não condicionam e estabelecem através do que ele está tentando conquistar ou adquirir, sendo uma série impressionante de condicionamentos que não favorecem o seu desenvolvimento espiritual. Para estar ciente do grupo é preciso estar consciente individualmente, é preciso adquirir um ritmo de consciência, estar muito atento, muito expectante. Sabem que expectativa é sabedoria, a observação de tudo o que acontece, do que acontece dentro e fora da pessoa. Isso é essencial, e o único caminho. Não podemos falar de outro caminho que não o humano, porque somos humanos. Não podemos falar do caminho dos deuses, nem do caminho que os animais seguem dentro de suas respectivas espécies, mas se estamos conscientes do tríplice aspecto da nossa natureza ou dos nossos corpos e, assim, progressivamente nos tornamos conscientes da plenitude do corpo, então nos liberaremos. Há uma liberação, há uma erupção dentro da consciência e dentro dessa erupção o passado, o presente e o futuro se confundem em uma coisa só, o eterno agora, porque o agora sempre é eterno, sempre acontece, agora, agora, agora. Nós nos agarramos ao agora, nós o mantemos aqui, e como mantemos aqui o eterno agora, tudo o que está acontecendo na vida de fatos e acontecimentos ficam aqui, e isto somos nós, esta bolha que criamos através do tempo, paramos o fluir do eterno presente, do eterno agora. É como um filme, os filmes mantêm todos os registros do que foi feito do começo ao fim, e de quem depende a visão do filme? Do observador, daquele que está observando o que acontece, se no filme há uma cena que nos favorece ou que chama a nossa atenção de forma tão exagerada, então, paralisamos o filme e, então, estamos apenas em uma faceta desse filme e o resto que está acontecendo, porque a máquina da vida está andando, vai registrando o que está ali, onde paramos a atenção, a tensão, melhor dizendo, e para nos livrarmos de tudo isso temos que trabalhar muito, estar muito conscientes, de nós mesmos, do grupo, da sociedade que nos cerca, da educação que damos aos nossos filhos ou do quanto tratamos bem as nossas mulheres, tudo está enquadrado dentro dessa ordem social.

Interlocutor 2. – Vicente, eu me pergunto, se Napoleão era um iniciado, como podia ter tantos defeitos? Ele abandonou sua esposa, supõe-se que a amava, depois se apaixonou muitas vezes, isso me parece um pouco estranho.

Vicente. – Se Napoleão era um iniciado, não sabemos. Isso é dito devido ao poder que engendrava a sua irradiação psicológica. O que sim, se sabe sobre Napoleão Bonaparte é que ele tinha uma missão cósmica a cumprir, que era a unificação da

Europa, politicamente falando, e ele fez isso através das armas, aproveitando um condicionamento histórico da Revolução Francesa, mas suas vitórias na Itália e tudo o que aconteceu na Áustria e na Tchecoslováquia, onde Napoleão Bonaparte penetrou até ser derrotado, foi uma série de fatos que culminaram em uma certa unificação da Europa, mesmo que fosse contra Napoleão Bonaparte, e aí começou a reunificação da Europa. Mas, o que acontece na vida pessoal de um ser humano não tem muita importância, mesmo que ele seja um iniciado, porque de um iniciado o que se espera são os frutos da ação, não o que ele faz em sua vida pessoal, se ele se casa duas vezes ou se tem amantes, isso não tem muita importância do ponto de vista cósmico. Falamos sempre deste ponto de vista, se falamos de um ponto de vista muito pessoal infelizmente as pessoas olham mais para os defeitos do que para as grandes qualidades nos homens, porque querem equipará-los à sua pequena medida. Como não é virtuoso têm que achar algum defeito em alguma pessoa elevada para justificar sua própria inépcia, e isso acontece com Napoleão e com qualquer tipo humano que tenha relevância. Diz-se também que Leonardo da Vinci era homossexual, e que importância tem isso do ponto de vista cósmico? O que ele legou é o que importa, isso tem importância, o legado histórico que nunca será imitado, com certeza. Ou Michelangelo ou Rafael ou qualquer artista da época que for, não importa o que eles fizeram pessoalmente, sua vida lhes pertencia e não podemos julgar os atos dos outros, portanto, o que importa, creio eu, do ponto de vista da Grande Fraternidade Branca, é a obra, o serviço que o indivíduo presta à sociedade, não o que o indivíduo faz em sua vida privada. A vida privada do discípulo não tem importância para a Hierarquia, se o discípulo for generoso e honrado, de acordo com as leis da Grande Fraternidade. Vocês vão dizer que a iniciação pressupõe ter uma série de qualidades e um resto total de defeitos, muito bem, de acordo, mas, falamos de homens que consideram o defeito de um grande homem para justificar seus próprios defeitos, e dizem: Napoleão Bonaparte fez isso e aquilo e era um iniciado, para se justificar em seus próprios defeitos, o que não é útil. Por isso o julgamento deve sempre ser detido. Não julgar, porque aquele que julga também será julgado, e o poder do homem, o poder da palavra, o poder dos fatos, o poder do pensamento em honra da sociedade, é o que conta. Isso é importante para mim! Não o que os homens fazem ou deixam de fazer, mas o benefício que legam à sociedade. Se pudermos ver isso com muita clareza, o resto também será esclarecido, e teremos uma era de relações humanas corretas. Há que se começar daí até a eternidade.

Interlocutor 1. – Você poderia falar um pouco sobre quem é o Cristo? Porque muitas coisas são ditas sobre o Cristo que levam a uma grande confusão. Alguns dizem que é um Arcaño, outros que é um Mestre que evoluiu em nossa humanidade e que chegou onde está, mas não sabemos onde está.

Vicente. – Por que não considerá-lo um estado de consciência social? Porque se buscarmos o Cristo histórico haverá desacordos, discordâncias entre nós, porque algumas pessoas consideram o Cristo de acordo com a tradição cristã, outras com a tradição mística e outras com a tradição de sua própria convicção espiritual. Portanto, falar do Cristo histórico, daquela criança que nasceu em Belém em datas semelhantes tais como se diz e aquele que morreu no Gólgota no meio de dois ladrões não tem muita importância, porque o que os homens sofreram nas prisões, no sofrimento e na tortura, é superior ao que o Cristo sofreu neste aspecto físico-histórico, se nos ativermos à tradição cristã e não à realidade dos fatos, porque ninguém sabe exatamente o que aconteceu com o Cristo histórico, ninguém! Somente os grandes clarividentes que podem ler os anais do passado – os Anais Akáshicos – podem dar uma ideia precisa de

quem foi o Cristo histórico, Jesus de Nazaré. Prefiro falar sempre do Cristo cósmico, do Cristo que está no coração de todas as pessoas como uma chama de amor, este Cristo está presente, é um estado de consciência. Suponhamos que este estado de consciência crística, o mais puro e radiante de nossa sociedade humana, se manifeste na forma de um instrutor espiritual e se manifeste entre nós. Bem, é um fato natural, especificamente não tem outra relevância senão um fato espiritual entre tantos fatos espirituais que estão acontecendo na estrutura suntuosa do cósmico, portanto, o que Paulo de Tarso dizia?: "Cristo em vós esperança de glória". Ele não fala do Cristo histórico, mas do Cristo místico, daquele que "só por mim chegareis ao Pai", o Cristo cósmico, o Pai é o Cosmo, e o Filho é você, sempre!, porque você é o Filho do Cosmo. Portanto, o que se aplica ao Cristo pode ser aplicado a Buda, Lao-Tze, Confúcio, Sócrates, Platão e aos neoplatônicos, e toda a série de personalidades que deram algo grande à humanidade, incluindo os grandes artistas do Renascimento. Percebam essa situação, são estados de consciência crística sempre, na arte, na cultura, na religião ou na civilização, o estado de consciência é crístico, é tal como o vejo, e prefiro não falar do Cristo histórico onde existe confusão, que só os grandes iniciados sabem quem o Cristo histórico realmente foi, se é que realmente existiu. Vamos dizer desta maneira, e se tudo o que está acontecendo é uma montagem da própria religião, não vemos a montagem? Nós a estamos vendo constantemente, então, não podemos ter fé no Cristo histórico. Por quê? Porque não nos satisfaz a história do Cristo histórico, primeiro, pela montagem política, social e religiosa que foi estabelecida através desse termo. Assim, se falamos do estado de consciência da evolução do homem, aceitemos o Cristo como um estado psicológico que podemos e estamos desenvolvendo. Aí está o cerne da questão, a diferença entre o Cristo histórico, que cria complexidades e diferentes pontos de vista, e o ponto de vista unitivo que é o Cristo cósmico, e entre a união do Cristo histórico e do Cristo cósmico está o Cristo místico e entre o Cristo místico e o Cristo cósmico está o antahkarana, que é como se estivéssemos dizendo: Cristo histórico, o passado; Cristo místico, o presente e Cristo cósmico, o futuro. Assim o círculo se fecha, é uma esfera, e nós dentro da esfera somos realmente o Cristo, o Cristo cósmico que vai se realizando através do tempo.

Interlocutor 1. – E é por isso que, de alguma maneira, o Cristo não pode se manifestar tal e como se está esperando? Juntamente com o que você está dizendo, fica muito claro.

Vicente. – Se esotericamente nos é dito que em cada época aparece um Instrutor Espiritual, devemos supor que um estado de consciência virá para regenerar o planeta, não que uma criança nascerá em Belém novamente, entendem a ideia? Que pode ser que este Cristo cósmico se manifeste misticamente, não historicamente, que não tenha nada a ver com o mundo social moderno, mas que esteja em um nível de projeção magnética nos níveis, digamos, mental ou astral superior, e a partir dali envie suas radiações e consiga despertar o Cristo místico no coração de cada um e haja um desenvolvimento planetário, um novo estado de consciência para toda a humanidade e que seja a aurora da Era de Aquário, como se diz por aí. Porém, quem pode dizer como irá este estado de consciência? Porque, é claro, já estamos dizendo que se ele nascer de novo entre nós, teremos que voltar ao início e ver se ele realmente nascerá como um menino, como uma menina ou o como seja, não sabemos nada sobre essas coisas, nem elas interessam muito, mas, e se estivermos atentos? E se estivermos expectantes? Reconhecemos o Cristo místico em qualquer pessoa histórica, em nossos irmãos, em nossos amigos, no grupo ao qual pertencemos, porque será um impulso de amor e não a curiosidade de

saber quem é esse que vem, esse que tem que chegar com as energias da Constelação de Aquário. Não vamos desdenhar de nada, mas também não vamos aceitar nada sem passar pela dúvida inteligente, a dúvida é necessária, saber duvidar é sabedoria, não se curvar a situações definidas, o fixo sempre pode ser incerto, no entanto, o incerto sempre pode ser útil, porque pode ser o berço de muita sabedoria.

Interlocutor 3. – Sobre o que você diz dos pintores ou artistas do Renascimento, eu acredito em uma coisa, que se o artista não pinta, o que ele faz é refletir a situação da época. Mas o que eu me pergunto é se a obra, na realidade, revela um pouco no sentido oriental. Então como uma ajuda, porque você diz: "Napoleão unificou, fez". Mas talvez seja o psiquismo, e como dar, isso é o que eu não vejo, o como fazer. Ou seja, eu vejo Napoleão como um agente único, existe o matemático, no plano artístico eu vejo uma coisa bastante poética, algo que expõe o significado daquela época, um pouco psicológico ou os deuses daquela época. Para mim penso que sim, ou há mais?

Vicente. – Todos os homens são fruto de uma determinada era, com suas necessidades, com suas oportunidades. O Renascimento foi uma explosão de arte criativa na qual houve um tremendo impulso de energias do Quarto Raio, do Raio da Arte, da Beleza e da Cultura Espiritual, e todos aqueles artistas que estavam abertamente atentos, expectantes, captaram a tremenda força daquela época e puderam, logicamente, estabelecer certos códigos baseados nas leis matemáticas das divinas medidas áureas que são dadas de vez em quando através dos tempos, medições solares, as medidas dos arquétipos. E cada pintor, cada escultor, cada músico, cada artista, intuiu naqueles tempos a medida, de acordo com o seu grau de evolução da intuição, a inspiração, aquele aspecto místico, dinâmico, que era fruto daquela época, a força, o impulso, digamos, angélico – se esta palavra não os assusta – que regeu toda a Era Renascentista ou os trezentos anos, me parece, que foi o que o Renascimento durou, mas que deu uma profusão de obras tremendamente importantes, que são a glória e o estímulo dos artistas do presente que perderam a criatividade, e que estão imitando, estão simplesmente lembrando fragmentos de fatos que se passaram nas eras transcendidas, e que procuram dizer: "Isso significa isso", e não significa nada, porque nada significa. Assim, uma era pode condicionar a humanidade em um determinado momento, mas depende mais da atitude da pessoa ou pessoas que estão vivendo naquela época para perceber a situação psicológica que lhes corresponde ou o papel atribuído a elas na sociedade como artista, filósofo ou político, porque tudo tem sua própria avaliação do ângulo místico e histórico. Daí o que falávamos ontem, que devemos ter em mente que o artista é artista porque ele é uma pessoa aberta às influências das estrelas, não é uma pessoa fechada simplesmente pela técnica, não está tão tecnicado, não quero dizer que careça de técnica, não está tão codificado neste ponto de vista técnico a ponto de se esquecer de abrir a mente e o coração para influências ambientais mais elevadas. Vem então a distinção entre a técnica e a inspiração, tecnicamente se pode fazer uma obra perfeita, mas não será perfeita de acordo com sua inspiração espiritual, será algo perfeito como forma, mas se vemos uma expressão artística tão supremamente bela e edificante que faça mudar o curso dos nossos pensamentos e emoções, é que há algo mais do que técnica, há inspiração, há um tremendo vazio e uma abertura espiritual tremenda que nos obriga a reconsiderar todos os aspectos dessa obra. Porém, percebam que é sempre preferível ter a abertura da intuição ou inspiração ou iluminação, do que uma técnica muito refinada. A pessoa que tem sensibilidade verá a diferença entre a técnica e a inspiração, e verá como uma pessoa inspirada pode fazer algo fora da técnica que seja realmente inspirador e que leve o ser humano a uma série

de experimentos psicológicos sobre aquela obra, e considerar que essa obra está além do tempo. As obras-primas nunca perecerão, enquanto as obras medíocres terão que desaparecer porque são um estigma da sociedade.

Interlocutor 3. – E você acha que o pintor tinha isso mais fácil no Renascimento do que agora, já que os devas já estavam ali dispostos?

Vicente. – Os devas sempre estiveram.

Interlocutor 3. – Mas, eu me pergunto agora, na época em que vivemos, com a atual no influência planeta.

Vicente. – Tecnificamos a sociedade, hoje somos regidos socialmente por impulsos eletrônicos, então a técnica tem mais importância do que a inspiração. Devas? Sempre há devas, pois a eletricidade não é uma forma dévica de energia, mesmo que a ciência ainda não o tenha descoberto? Mas, os verdadeiros devas, os devas do Renascimento estão no quarto plano búdico, porque a técnica os afastou, o homem tornou-se tão técnico, tão técnico, que chegou a esse ponto, e vemos isso na música, na escultura, na poesia, na literatura, não há obras-primas como antes porque a tecnologia obscureceu o cérebro do homem, quando tinha que constituir uma nova abertura para a luz. Assim, todo o processo está nas duas vertentes, a vertente do passado com seu exercício dévico do Quarto Raio e a encenação técnica do presente com o Quinto Raio que pertence à nossa Raça Ariana. Aí temos um magnífico campo de observação, se quisermos usá-lo, mas realmente isso constitui um objetivo de atenção, é a variação entre o que acontece agora com o anjo e o que aconteceu no tempo místico do Renascimento.

Interlocutor 3. – Porém, foi uma época boa para as pessoas inspiradas, para os místicos, havia as condições, digamos, astrológicas ou cíclicas, para o Quarto Raio se manifestar.

Vicente. – Eu diria que houve uma profusão de artistas que tinham inspiração, que evocaram a força mística deste raio, que é a da beleza e da harmonia. Foi um conjunto que estabeleceu uma conexão entre o homem e o anjo, e aí temos o milagre do Renascimento. Que a técnica é regida por devas, porque o deva é energia, mas a técnica até agora só serviu para aprisionar o espírito do homem, não para liberá-lo, então todo o conforto social da eletrônica nos condiciona.

Alfredo. – A eletrônica nos condiciona porque não a usamos bem, porque se criamos uma coisa boa e não sabemos como usá-la, ela é negativa, o condicionamento está na maneira como a usamos.

Vicente. – Exatamente, assim como a codificação, digamos, que o homem tem em relação ao que acontece, portanto, se há técnica e a técnica não é aproveitada para o estímulo espiritual do homem, é melhor que não exista técnica, é preferível uma iluminação com velas e lamparinas a óleo do que não ter inspiração espiritual com os devas, porque haverá paz no espírito e não teremos que iluminar a sala com todos os tipos de dispositivos eletrônicos e não ter paz, certo? Eu sempre falo do aspecto cósmico, as conquistas do homem são efêmeras, e a técnica atual é tão pequena, apesar

de todos os seus avanços. Nos tempos atlantes havia uma técnica muito refinada que ainda não superamos. Como, por exemplo, foram levantadas aquelas formidáveis pedras das pirâmides? Não há nenhum dispositivo sofisticado hoje que possa levantar aquelas pedras de milhões de quilos e, no entanto, elas se encaixavam tão perfeitamente! Que técnica refinada! Que situação astronômica perfeita! Que situação dentro do âmbito planetário para receber energias cósmicas! Uma técnica angélica, por favor!, e não a técnica atual. E os atlantes, por exemplo, o que chamamos de "discos voadores" eles já tinham desenvolvido a um extremo muito superior ao que conhecemos agora nos grandes reatores, e nada é explicado sobre isso, e não precisa ser explicado por que para mim já passou, e cada época, no entanto, tende a reproduzir algo das épocas do passado, porque são conquistas humanas, e o homem ainda vive de suas conquistas.

Interlocutor 3. – Ou seja, a tecnicidade com a espiritualidade não está indo bem.

Vicente. – Nós pintamos a fachada apenas, dentro dela é o mesmo de antes, a técnica pintou a fachada da sociedade, impôs um novo ritmo, imprimiu um novo código, mas, dentro dela é como os sepulcros caiados de branco aos quais as escrituras fazem referência, dentro há podridão. De que adianta a técnica então? Melhoramos a sociedade? Somos melhores? Amamos mais? Aí está o problema social, moderno, passado e futuro, este é o principal problema. E eu não quero mais incomodá-los, acho que já vimos muito.

Interlocutor 1. – Desculpe-me, apenas uma pergunta para terminar, você acha que na história da humanidade que surgiu, a inspiração espiritual foi realmente cultivada?

Vicente. – Será cultivada.

Interlocutor 1. – Eu não sei se realmente foi cultivada, mas se assim for, parece haver uma certa sensação de fracasso.

Vicente. – Como grupo social, não, como indivíduo, certamente sim.

Interlocutor 1. – Não, quero dizer como um grupo social.

Vicente. – Não. Há um grupo social, se aceitarem este grupo espiritual, que é a Hierarquia, a Grande Fraternidade, que provém da seleção de todas as grandes conquistas individuais no campo do misticismo ou da religiosidade, há um grupo social, mas que está separado de nós por certas fronteiras que não podemos atravessar e que só pelo exercício da vontade humana e do bem para com o todo é possível atravessar, através da iniciação. Mas, o problema individual é o existente, nos reunimos em grupo, sim, mas até que o grupo esteja completamente homogeneizado, integrado em todas as suas funções, não podemos falar de grupos sócio-místicos como a Grande Fraternidade espera. Mas, se há muito afeto entre todos os componentes de um grupo, pode haver esse eclosão de faculdades místicas que podem criar um novo homem dentro do grupo, e o trabalho individual de serviço e sacrifício para o bem dos outros criará um novo tipo de homem, psicologicamente falando, e esse homem criado psicologicamente falando, passará a engrossar as fileiras da Grande Fraternidade, aquele conjunto social planetário. E há outros grupos sociais mais elevados que a própria Hierarquia ou Grande Fraternidade, que é quando falamos do Centro Místico de Shamballa, certo? Mas, o

trabalho é sempre individual, o autorreconhecimento, o poder de se sentir integrado em qualquer aspecto da sociedade sem reação possível. Isto é vida! Esta é a vitória do homem sobre si mesmo! E a pessoa que exerce esse poder e alcança a vitória sobre si mesma, torna-se um iniciado, e como iniciado um ser humano que tem o direito de pedir a entrada em um grupo espiritual superior, o grupo espiritual superior que chamamos de Grande Fraternidade. É o nosso dever social, é um imperativo da própria vida humana, e pobre daquele que não compreende esta realidade, porque será retardatário dentro da fé daqueles que procuram a Deus.

Interlocutor 4. – Você não acha que quando os atlantes, a parte, digamos, científica, que eles tinham ainda mais avançada do que o que temos agora, eram apenas uma elite, e que a Hierarquia deve pretender que agora seja toda a humanidade que atinge esses níveis? Portanto, é para começar de novo, mas procurando outra volta da espiral mais elevada. Antes eram uma elite que dava algumas ordens, eles chegaram a determinar o lugar, mas a força das coisas quer que seja toda a humanidade que faça um avanço positivo, além do fato de que nesta humanidade no total há elementos muito mais evoluídos do que outros, dando lugar a outros. Mas, agora, cabe a toda a humanidade alcançar a fraternidade universal, aquela fraternidade social que os atlantes não tinham. O que havia eram grandes cientistas e uma sociedade muito diferente da que temos agora. E sonhar que se torne possível, que esta parte do tipo universal não chega nem pela técnica nem pela inspiração em conjunto, ou a inspiração individualmente estaria como então, mas o conjunto precisa das duas coisas, e isso pode ser esotérico numa volta mais elevada da espiral, que seja para o conjunto da humanidade, seja ela instalada na Terra mais cedo ou mais tarde, a fraternidade universal se instale um pouco, aquela espiritualidade que se não toma forma na Terra, na fraternidade entre nós, é como se não existisse, porque o espírito, o espírito por si só sempre avança. O que acontece é que não queremos prestar atenção ao espírito, ignoramos o espírito, prestamos atenção apenas aos nossos desejos. Mas tem que chegar um momento em que toda a humanidade o reconheça, e neste ritmo estamos avançando, embora no momento estejamos conscientes, sofremos mais do que antes entre aqueles que não estavam conscientes, do caminho que ainda temos de percorrer, mas creio que os atlantes eram cientistas, mas não eram fraternos, por isso essa Era terminou, porque ainda eram piores do que somos agora e que talvez estejamos a caminho de ser como eles se aplicarmos as técnicas à medida que estão sendo aplicadas, fazendo explodir bombas atômicas, etc., etc.

Vicente. – Como nos é dito, depois do afundamento da Atlântida, aqueles que conseguiram se salvar através da mítica Arca de Noé, foram os iniciados que construíram as grandes pirâmides, portanto, eles tinham uma técnica perfeita, mas ao mesmo tempo eles eram espirituais sim, eram grandes iniciados que conheciam leis que o cientista moderno não conhece hoje, mas não podemos criar um grupo da sociedade humana se não criarmos um grupo de personalidades humanas perfeitamente estabelecidas dentro deste sistema, digamos, cósmico de atração magnética para uns e outros que chamamos de amor. Espero que exista dentro de um grupo o indivíduo capaz de inspirar os outros, porque então ele sacrifica sua evolução para que todo o grupo avance, e isso é feito pelos grandes discípulos, que encarnam na vida apenas para ajudar os outros, trabalham com o grupo, exercem a lei do grupo, a lei da hegemonia, a lei da evolução, e esta obra é a sua maneira de ver as coisas, de perpetuar no tempo as grandes conquistas espirituais que o destino cósmico tem reservado para a humanidade. Eu acho que isso virá, estamos ensaiando, estamos em um grande ensaio agora, ensaio em grupo,

e os grupos se fazem, se desfazem e voltam a se unir, voltam a se desintegrar até que finalmente chega o período de fusão. E quando há esse período de fusão, é que aquele grupo está preparado para receber energia cósmica, porque há uma integração, uma perfeita integração dos valores psicológicos de uns e outros, e estamos nesta fase e não procuramos variações, já estamos, para isso, para nos unir, para nos sacrificarmos pelo grupo, não para impor a nossa lei ao grupo. E isso é algo que estamos constantemente vendo em grupos, há uma entidade forte que quer ser o líder do grupo, sem pensar que pode haver pessoas humildes que têm diante de Deus mais poder e que são aqueles que hierarquicamente caberiam a ser os líderes espirituais do grupo, algo ao qual eles não pertencem por sua própria humildade, por sua própria elevação espiritual.

Muito obrigado, temos o suficiente para hoje. Faremos um pouco de silêncio.